

## A FUNÇÃO POLÍTICA SOCIAL NA LITERATURA INDÍGENA DE YAGUARÊ YAMÃ

*Data de aceite: 01/02/2024*

### **Suane Souza e Souza**

Licenciada em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas - CESP/UEA

### **Delma Pacheco Sicsú**

Graduada em Letras e Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Amazonas  
Especialista em Literatura Brasileira Moderna e Pós-Moderna pela Universidade Federal do Amazonas;  
Especialista em Educação, Desenvolvimento e Políticas Educativas pela Faculdade Aldemar Rosado. Mestre em Letras e Artes pela Universidade do Estado do Amazonas; Doutoranda em Literatura pela Universidade de Brasília

### **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Por muito tempo o indígena presenciou sua história ser contada sob os moldes do colonizador, um projeto idealizado para silenciar toda uma cultura tradicional. Os povos indígenas sentem isso na pele, no espaço e no tempo. Ao longo de toda sua existência, os povos da floresta, se depararam com as muitas versões

estereotipadas, como por exemplo: “o bom selvagem”, “sem caráter”, “sem fé”, rótulos esses enraizados na sociedade dominante, que trata as sociedades indígenas como atrasadas, sem cultura e sem instrução. Mas, a literatura de autoria indígena nos ajuda a compreender que os povos da floresta, são significativamente importantes para a nossa formação enquanto sociedade. Com a Lei N° 11.645/2008 que obriga o estudo da temática da História Indígena e Afro-brasileira, nos espaços de ensinos, mudanças surgem tímidas no cenário literário, uma vez que, é sabido que a obrigatoriedade da lei não é uma realidade, pois muitos a desconhecem, e os que conhecem, não a fazem valer em suas práticas pedagógicas. Na perspectiva de entender como iniciou a literatura indígena no Brasil, é necessário segundo Pereira (2022), “*voltarmos um pouco na história e percebermos em que momento os indígenas começaram a se apropriar de ferramentas formais como a escrita alfabética*” (p, 83). Ao que se refere sobre o contexto histórico, evidenciar o processo

de adaptação para se chegar a uma literatura de autoria indígena, é entender que as sociedades indígenas, ao apropriarem-se da modalidade escrita, estão legitimando em palavras toda uma ancestralidade que resistiu por muito tempo na oralidade. A literatura indígena amazônica, especialmente a da etnia Maraguá, compõe atualmente o grupo de escritores indígenas que mais produz no meio literário no Estado do Amazonas, sendo eles: Elias Yaguakãg, Lia Minapoty, Roní Wasiry Guará, Uziel Guaynê e Yaguarê Yamã, que foi um dos pioneiros. O intuito desses escritores segundo Pereira (2022), é: [...] manter viva a memória, de passar para as futuras gerações os saberes ancestrais e, conseqüentemente, garantir a manutenção e sobrevivência das histórias tradicionais de seu povo [...] (p.92). As conquistas que este grupo já alcançou, se evidencia quando suas obras chegam a programas educacionais como o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE).

## **A RESSIGNIFICAÇÃO DA HISTÓRIA DOS POVOS ORIGINÁRIOS POR MEIO DA LITERATURA INDÍGENA**

Os povos da floresta têm buscado seu lugar de fala e resistência através de sua literatura, assim o imaginário que compreende o universo dos mitos, lendas se refere a tradição cultural dos povos originários. Apesar de ser considerada uma literatura nova, a literatura indígena existe há muito tempo pela oralidade, e é através dessa oralidade que a literatura ora citada retrata o modo de ver e pensar o mundo dos povos nativos. A Literatura indígena constrói e desconstrói nossas percepções a respeito de algo, instigando-nos a ter um olhar clínico sobre conceitos que falam muito do que somos e como essa ressignificação tem a ver com nossa identidade. Dentre os vazios olhares do colonizador, criou-se ideologias sobre o indígena que refletem até os dias de hoje de forma deturpada, equivocada, a partir de um projeto pensado para negar uma identidade e sua legitimação. Neste sentido a arte de escrever é um ato de resistência para indígena que por meio de sua produção literária nos apresenta sua cultura, dando visibilidade aos povos originários. A literatura indígena é porta de entrada para ressignificar a história dos povos originários, à medida que construímos ou resuscitamos em nós um vínculo de identificação, que nos foi forjado ao longo da construção da estrutura da nossa identidade, assim a construção da identidade indígena se faz em duas vertentes: a primeira se fez do olhar do não-indígena sobre o indígena que se prolonga ao longo dos séculos e a segunda se faz do olhar do indígena voltado para si mesmo, desconstruindo essa visão preconceituosa do indígena sem desmerecer o que já foi escrito ao seu respeito e hoje ganha espaço nos livros impressos. Segundo Janice Thiel (2006):

A percepção de uma subjetividade construída por muitas, de uma identidade que deixa de ser fixa e única para ser vista como móvel e múltipla, faz-se essencial para a discussão de questões relativas à construção da identidade e da alteridade em um mundo caracterizado pela diáspora, ou seja, por um processo de desenraizamento e sensação de não pertencimento constante. (p.23)

Dentro desse contexto de visibilidade e multiplicidade que a autora ora citada coloca, temos a literatura indígena amazonense que se caracteriza exatamente por questões de identidade, de alteridade, de silenciamento, de cultura, e principalmente por pertencimento a suas origens o que não difere das outras, mas que possui um papel fundamental para re/conhecer a identidade étnica e cultural de um povo, pelas percepções do próprio indígena. Esse lugar de pertencimento que frisa Janice é o lugar que muitos escritores indígenas como Yamã já conquistaram, nos apresentando sua trajetória e a história de seu povo, num espaço onde a literatura indígena é colocada como inferior por contextualizar-se de forma mítica, mas que traz conceitos importantes para nossa condição humana. A autora fala ainda do processo de desenraizar questões referentes a nossa identidade, o que nos faz ressignificar conceitos que não estão ligados a nossas origens, questão pertinente que escritores indígenas trazem em sua literatura. Dentre as muitas temáticas que englobam a literatura indígena amazonense, a relação entre o homem e natureza é frequentemente vista nas narrativas, um vínculo que garante a sobrevivência de ambos. Nesta perspectiva que envolve sobretudo a origem da sua existência e relação com a natureza destaca-se o papel da memória dos povos indígenas nas histórias que são contadas e centralizadas na ancestralidade dos povos da floresta. Segundo Graúna, dentro dos subsídios que o conjunto de obras oferecem para a compreensão, é necessário atentar-se aos termos:

A propósito do conceito de “indianismo” e “indigenismo”, convém observar que o uso desses termos no Brasil refere-se, por exemplo, à temática escrita por autores (as) não indígenas e ao indianismo literário, isto é, a literatura inspirada em temas da vida dos índios na América. Quanto ao termo indígena, este refere-se ao fazer intelectual e ao literário realizado pelos indígenas, conforme seus próprios meios e códigos, e que buscam informar sobre o universo e as pessoas indígenas, como diria Cornejo-Polar (2000) (GRAÚNA, 2019, p.108).

Na perspectiva de compreender os termos, é necessário saber e esclarecer que o termo índio, é um termo pejorativo atribuído pelo colonizador que se propagou ao longo do tempo, mas que vem se colocando timidamente em segundo plano por meio do intelecto e da literatura indígena que ganha espaço no ambiente acadêmico e escolar. Assim para Graça Graúna:

[..]Enraizada nas origens, na literatura indígena contemporânea vem se preservando na auto-história de seus autores e autoras e na percepção de um público leitor diferenciado, isto é, uma minoria que semeia outras leituras possíveis no universo de poemas e prosas autóctones.

[...]Apesar da intromissão dos valores dominantes, o jeito de ser e de viver dos povos indígenas vence o tempo: a tradição (oral, escrita, coletiva, individual, híbrida, plural) é uma prova dessa resistência. (GRAÚNA, 2013, P.15)

Na excelente colocação de Graúna, é possível entender e compreender como a literatura indígena resiste como a raiz do angelinseiro, da puraputaqueira, do piquizeiro<sup>1</sup>, árvores típicas do Amazonas que possuem raízes que protegem seu tronco o que também pode revelar seu tempo de resistência. Essa comparação de resistência que relaciona o indígena e a natureza, se consagra no acervo de memórias dos povos da floresta, e que esteve e está em nosso cotidiano, desde muito cedo quando começamos a ouvir histórias contadas por nossos avós, tios e outros, sobre contos, lendas, mitos, que passaremos adiante e assim sucessivamente, num ciclo que se renova pelas mãos de escritores como Yaguare Yamã, que nos revela a origem das muitas histórias que um dia se teve a curiosidade de saber como surgiu. Com os movimentos indígenas no Brasil, o protagonismo indígena ganhou força na luta pelo reconhecimento, garantia de direitos importantes durante o trabalho da Assembleia Nacional Constituinte de 1987. Este movimento reuniu a representatividade de lideranças, elaborou políticas públicas e projetos e ainda estabeleceu um diálogo com instâncias diferentes do Estado e da sociedade civil e outros. O movimento que começou a se formar na década de 1970, quando as primeiras assembleias indígenas se realizaram, idealizando e projetando-se pelo Conselho Indigenista Missionário-CIMI. Na década de 1990, com direitos constitucionais conquistados, os movimentos sociais no Brasil, perderam força, o que serviu para criar-se novas políticas públicas.

Bicalho (2010), em sua tese intitulado “Protagonismo Indígena no Brasil: Movimento, Cidadania e Direitos (1970-2009), nos esclarece sobre o surgimento do movimento indígena: “Para pensar o surgimento do Movimento Indígena organizado, recorreu-se ao conceito de formação proposto por Antônio Cândido em Formação da Literatura Brasileira”. Na perspectiva das lutas e resistências, apesar de acontecerem em momentos diferentes como menciona a autora acima citada, os indígenas sempre sofreram com a influência do colonizador ao longo de sua história. Neste sentido, um dos papéis de escritores indígenas como Yaguarê, é justamente manter vivo sua ancestralidade<sup>2</sup> por meio de sua língua materna, uma vez que, foi necessário aprender outra língua para transcender seu intelecto indígena. Segundo Eni Orlandi (2007, p.102), o silenciamento não trata da ocultação das palavras, “mas é tudo aquilo que é apagado, colocado de lado, excluído”. Orlandi esclarece ainda que o silenciamento de um o sujeito ou sujeito-autor impede o posicionamento, formações discursivas do lugar a que pertence.

Em 2016 em seu artigo intitulado “Tensões Culturais na formação da identidade brasileira” Danglei de Castro, se propôs investigar os “traços conflitantes na formação da cultura brasileira”. As investigações do autor citado, baseou suas buscas na formação

---

1 **Portalamazonia.com** - Angelinseiro ou *Dinizia excelsa*: o angelim vermelho é identificada como a árvore mais alta da Amazônia; Puraputaqueira: árvore comum em igapós e igarapés;**brasildefato.com.br** - Piquizeiro: árvore que dá o piquiá-amazônico, é conhecido pela sua beleza, com uma copa grande e frondosa.

2 **Patriciamagno.com.br** – Magno, Patricia. Povos Indígenas, Ancestralidade, Território e Vida, 2021. “Os povos indígenas tem direito a que se reconheçam e respeitem todas as suas formas de vida, cosmovisões, espiritualidade, usos e costumes, normas e tradições, formas de organização social, econômica e política, formas de transmissão do conhecimento, instituições, praticas, crenças, valores, indumentária e línguas, reconhecendo sua inter-relação”.

da identidade nacional, e diz muito a respeito do momento em que vivemos, pois com a crescente de escritores indígenas, se tece reflexões necessárias sobre como o indígena foi representado e de como realmente é. Segundo a visão do colonizador, o indígena possuía traços medievais, além de ser o herói e bom-selvagem, como descrito em a obra de José de Alencar como *O Guarani*. Essa visão colaborou para silenciar as vozes dos povos da floresta desde a chegada do colonizador que se recusou a aceitar o universo indígena, suas tradições culturais, crenças e identidade. Pereira também traz um trecho da Carta de Pero Vaz de Caminha a El rei D. Manuel, onde Caminha (2000, p.21), dá detalhes do achado no Brasil:

[...]a feições deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feito. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de cobrir ou deixar de encobrir suas vergonhas do que mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência.

As características chamam a atenção de Caminha, como por exemplo: a nudez, a inocência, a saúde. Estes traços descritos por Caminha nos trazem reflexões importantes de uma identidade nacional que é toda nossa, mas que muitos se negam a aceitar que nossa identidade nacional teve seu início com os povos originários. A Carta de Caminha é considerada o primeiro documento da história da Literatura Brasileira, e se torna relevante em dois aspectos: a histórica que trata a carta como documento imprescindível da história do Brasil e a literária que tem a carta como o começo do momento da história, da etnografia brasileira e a geografia. Assim a carta é o documento mais rico e fiel ao descobrimento. Neste sentido assim como a Carta de Caminha é um documento de fundamental importância para a história e para a literatura, a literatura indígena é também o registro da memória dos povos da floresta.

## **A LITERATURA INDÍGENA COMO REGISTRO DA MEMÓRIA, DA TRADIÇÃO, LUTAS E RESISTÊNCIA DOS POVOS ORIGINÁRIOS**

Sem a literatura oral não haveria literatura escrita, não haveria memória. Uma das formas de resistência do indígena, foi manter sua ancestralidade por meio da oralidade, transcendendo suas origens. A escrita, sobretudo, garante que as memórias se propaguem de maneira mais concreta, atingindo outros espaços como é caso da literatura indígena, que por meio do livro impresso e até mesmo por arquivos em mídias, vem se consagrando, ganhando espaço no meio literário e plataformas digitais. Neste sentido, se consagrar num meio tão concorrido quanto o meio literário, que considera a literatura indígena como uma literatura menor é realmente um ato de resistência, uma luta de representatividade que dá voz à memória dos povos indígenas. Neste sentido, quando falamos de questões indígenas é de extrema importância citar *A Queda do Céu* de Davi Kopenawa, que pelas mãos de Bruce Albert, nos trouxe momentos históricos dos Yanomami e do Brasil como explica neste trecho:

Este é um livro sobre o Brasil, sobre um Brasil – decerto, ele é ostensivamente sobre a trajetória existencial de Davi Kopenawa, em que o pensador e ativista político yanomami, falando a um antropólogo francês, discorre sobre a cultura ancestral e a história recente de um povo (situação tanto em terras venezuelanas quanto em brasileiras), explica a origem mítica e a dinâmica invisível do mundo, além de descrever as características monstruosas da civilização ocidental como um todo e de prever um futuro funesto para o planeta - , mas, de um modo muito especial , é um livro sobre nós, dirigido a nós, os brasileiros que não se consideram índios. (KOPENAWA, ALBERT, 2015, p. 12)

A obra *A Queda do Céu*, se compõe por temáticas que vão desde denúncias de violência em sua forma mais cruel à conceitos espirituais. Em sua trajetória Davi, faz questionamentos existenciais que o levaram para outros lugares partindo do princípio que os yanomami, precisavam ser ouvidos, precisavam ganhar visibilidade, para expor sua realidade.

Daniel Munduruku em 2009, em seu texto *Educação Indígena do Corpo, da Mente e do Espírito*, enfatiza como a educação indígena é concreta e mágica, uma percepção que surge ao refletir sobre sua infância no íntimo da cultura Munduruku. Na perspectiva da infância, que é uma característica de escritores indígenas, mencionar essa fase que é o ponto de partida para suas memórias e trajetórias, Yamã (2007, p. 12) pontua que: “Na floresta é assim, os pais sempre confiam na sabedoria dos filhos, não é por acaso que a criança indígena é livre e tem liberdade para aprender brincando”. E Daniel acrescenta:

Aprendemos na aldeia, desde muito pequenos, que nosso corpo é sagrado. Por isso temos obrigação de cuidar dele com carinho para que ele cuide de nossas necessidades básicas. [...]É portanto, necessário valorizar o próprio corpo e dá a ele os instrumentos para que possa cuidar da gente. Assim, é de extrema importância conviver com meu grupo de idade por ser ele que vai me “guiar”, dar um norte para as descobertas que meu corpo infantil precisa fazer. (MUNDURUKU, 2009, p. 24-25)

Acerca da infância, é válido esclarecer que cada cultura e tradição possuem uma forma de lhe dá com o aprendizado da criança, sendo a que cultura indígena tradicional difere e muito da cultura ocidental moderna. Em sua obra *Banquete dos Deuses*, Daniel em um capítulo intitulado “Sobre Piolhos e outros afagos”, assim define a educação indígena: “A sociedade indígena educa tendo uma concepção holística. Todos educam, todos são responsáveis pelas crianças, fato que impede que recaia sobre alguém – inclusive os pais – o cuidado delas”. (MUNDURUKU, 2009, p.82). Em *Mundurukando I* (ano), Daniel faz uma reflexão sobre o dia do índio, que se data no mês de abril, do que ele chama de “o folclórico e legendário primeiro habitante do Brasil”. Ele ainda tece críticas de como essa data é trabalhada nas escolas, e como ideias preconcebidas se inculcam nas crianças. Mas ele enfatiza as coisas boas que viu nas escolas que levam a sério o contar das histórias tradicionais. Neste sentido refletir sobre as colocações de Daniel é, entender sobretudo que o dia do índio, é enxergar o indígena como o colonizador nos impôs. Sendo assim,

a data comemorativa se reduz a um sinônimo de semelhança, pois a criança aprende no ambiente escolar que o indígena é o bom selvagem, que usa tanga e penas como roupa como Daniel reflete em mundurukando II.

Cristino Wapichana em entrevista para a Revista Cátedra Digital em 2018, responde que o maior obstáculo da literatura indígena para alcançar maior circulação, é “entrar nesse mercado literário e permanecer nele, já que a distribuição não é tão abrangente; os estados mais distantes dos grandes centros sofrem um pouco com a dificuldade de receber e conhecer essa literatura”. Neste trecho da entrevista Wapichana aponta para questão recorrente, já que há uma resistência em trabalhar com a literatura indígena não somente em ambientes escolares, mas também no espaço acadêmico. Wapichana falou da união dos povos, e como esse trabalho é feito por ele e Daniel Munduruku, e relatou quão difícil fazer um evento literário indígena no Brasil.

Marcia Wayna Kambeba 2020, produziu a obra *O lugar do saber*, onde conta um pouco de sua história e trajetória desde a infância e reúne poesias com temáticas voltadas aos saberes ancestrais como no poema intitulado “Pisando na História”. O poema fala sobre como pisamos em nossa própria história, “*No chão do meu passado*”, ou seja, renegamos nossas origens, à medida que permanecemos sobre ela, “*Cantam do fundo da terra*” ...” *Cantam sentido dor*”, que se trata das memórias dos povos originários. A autora termina o poema de forma memorável: “*Toquei num pedaço da memória*”, “*Da luta de quem caminha*”, “*No parque das Andorinhas*”, menção aos escritores de literatura indígena, que através de suas memórias, caminham para que os povos indígenas tenham voz e levantem voos mais distantes.

## **A LITERATURA INDÍGENA E SUA INFLUÊNCIA NA IDENTIDADE CULTURAL DO AMAZONENSE**

A literatura indígena, sobretudo recupera/ressignifica, o que entendemos por identidade, ainda que vivamos no contexto amazônico. Muitos preconceitos são quebrados para ocultar o que de fato seria nossa identidade. Mas como a literatura indígena tem mais a revelar sobre nós mesmos do que essa identidade que pensamos ser nossa? Se trata de uma identificação por meio dessas literaturas, que influenciam diretamente na identidade cultural do amazonense! Nesta linha de pensamento a literatura indígena fala do contexto amazônico, histórias que cruzam pela oralidade e se concretizam na literatura de escritores indígenas. Uma característica importante do amazonense é saber uma lenda, um mito, uma história de visagem e entre outras coisas saber contar uma história, ainda que seja breve. Mas apesar de haver traços de identidade que nos ligam a cultura indígena, existe um preconceito internalizado em nós, e em contrapartida também existe o sentimento de não pertencimento. Stuart Hall, fala de como compartilhamos sentidos e os classifica em dois sistemas de representação:

[...]O primeiro nos permite dar sentido ao mundo por meio da construção de um conjunto de correspondências, ou de uma cadeia de equivalências, entre as coisas – pessoas, objetos, acontecimentos, ideias abstratas etc. – e o nosso sistema de conceitos, os nossos mapas conceituais. O segundo depende da construção de um conjunto de correspondências entre esse nosso mapa conceitual e um conjunto de signos, dispostos ou organizados em diversas linguagens, que indicam ou representam aqueles conceitos”. (HALL, 2016, p.38)

Quando sentimos não pertencer a algo ou alguma coisa, se trata justamente do que fala Stuart, que sustenta no trecho acima, o “sistema de representações”, que corresponde a nossas ideologias, modos de ver e pensar o mundo, as memórias, assim como povos indígenas. Para os povos nativos da Amazônia, como por exemplo, a etnia Maraguá do escritor indígena Yaguare Yamã, onde duas de suas obras, se concentram nos mitos, lendas e aprendizados da infância, visam refletir sobre sua identidade, fazendo assim a memória e história de seu povo resistir e existir por meio da literatura. Sendo assim, *Kurumi Guarê no Coração da Amazônia* do escritor ora citado também foi objeto de investigação de Sicsú e Pereira em 2021, e levantaram questões sobre a literatura indígena amazonense em discussão com outros teóricos. As reflexões se iniciam por destacar que se trata de uma literatura indígena nova no mercado editorial, mas enaltecendo-a por existir a séculos por meio da oralidade, antecedendo o colonizador. Os autores fazem uma observação importante sobre a obra investigada:

O livro *Kurumi Guarê no Coração da Amazônia* não é um simples relato de um jovem escritor. É a voz do povo Maraguá ecoando no objeto livro que fala como é viver nas comunidades indígenas até o desafio de sair de seu lugar de origem para morar no espaço urbano. Ir para cidade não é um capricho para os indígenas, mas uma necessidade de ir em busca do que poderá ajuda-los a continuar existindo, bem como ter acesso à Educação e a Saúde.

Ter acesso à educação é essencial para os indígenas. Uma vez que, de posse do conhecimento adquirido nas escolas e nas universidades, eles poderão retorna a sua comunidade e contribuir com seu povo para combater as mazelas que os prejudicam. O livro em questão é a voz do autor /narrador/ personagem que apresenta ao leitor seu mundo encantado e o leva a uma viagem no tempo, possibilitando-o conhecer um pouco da cultura, do modo de viver e de pensar dos povos nativos”. (SICSÚ & PEREIRA, 2021, p.82)

Dentre as questões mencionadas no trecho acima, a obra em questão para leitores do contexto amazônico, se consolida pelo reconhecimento por meio dessa literatura, uma identificação mesmo que sutil, das muitas vivências que são contadas no livro. Sicsú e Pereira lembram que as muitas etnias se matem vivas: “No Amazonas, os filhos de kambebas, desana, sateré, maraguá e outras etnias continuam mantendo a tradição, a cultura e a identidade de seu povo”. (p.87), cada uma em sua particularidade num ato de resistência. No sentido da resistência Thiel fala mais sobre a produção da literatura indígena, que documenta e discute a ação e interação dos povos da floresta:



[...]As obras indígenas, voltadas para o público infanto-juvenil e para o público maduro, apresentam uma interação de multimodalidades: a leitura da palavra impressa interage com a leitura das ilustrações, com a percepção de desenhos geométricos, de elementos rítmicos e performáticos. Os grafismos indígenas constituem narrativas e devem ser valorizados por sua especificidade, podendo inclusive indicar a autoria do texto indígena, se coletiva/ancestral ou individual. (THIEL, 2013, p. 1178)

Neste trecho a autora aponta elementos importantes da construção da literatura indígena e o letramento multicultural e multimodal que não se restringe apenas a crianças e jovens das etnias indígenas. Em obras como as do escritor indígena amazonense Yaguará Yamã, a escrita é elaborada em língua nativa e em língua portuguesa, são textos bilíngues. A respeito da literatura indígena que se compõe por muitas vozes que são marcadas pela presença étnica, é uma maneira de dar visibilidade a esses povos, que foram silenciados e lutam para desconstruir os equívocos de representação sobre suas tradições e saberes, em busca de um diálogo com a sociedade não indígena. Neste sentido, Dorrico 2018, fala da construção de uma crítica em relação a literatura indígena:

A construção de uma crítica em torno dessa atuação de vozes emergentes levamos ao argumento central que norteia esse texto, o de que a produção material realizada pelos indígenas encontra na literatura a condição de possibilidade para expressar suas temáticas cultural, política e esteticamente centrais: a de caráter ancestral, que influencia a escrita das narrativas e das poesias de modo criativo; e a de caráter histórico, que denuncia metalinguisticamente a violência perpetrada contra os povos indígenas dentro desse corpo criativo. Outro fator a ser salientado está em que os escritores indígenas utilizam esta ferramenta para expressar suas matérias atuando em um duplo movimento, o da valorização da alteridade e do diálogo intercultural, como estratégia consciente para uma crítica da estrutura simbólica dominante, bem como de ativismo, de militância e de engajamento na esfera pública acerca da questão indígena. (DORRICO, 2018, p.229)

Esta crítica da qual aponta Dorrico, infelizmente ainda é uma forma de silenciamento das múltiplas atrocidades que viveram e vivem os indígenas, o fazer literário do indígena, não pode se pautar apenas em tradições e saberes, mas levar a realidade de suas vivências de glórias e dores porque é uma forma de resistência física, simbólica. Quando se fala em símbolos é necessário falar da arte de desenhar que diz respeito a beleza e uma comunicação imagético, que além de demonstrar sentimento, também é informativo. Hoje a escrita é uma ferramenta fundamental pela luta da manutenção da cultura indígena sem perder seu poder ancestral. Sendo assim, uma das influências da literatura indígena sobre a identidade cultural do amazonense é a arte de escrever como explica Kambeba:

A arte de escrever tem contribuído para que nas aldeias os povos catalogassem narrativas contadas pelos mais velhos e que, depois de serem transformadas em livro, as crianças na sala de aula conseguissem se imaginar nesse universo pela escuta e leituras dessas narrativas. Ela nos dá possibilidades para que, fora da aldeia, alunos e pessoas possam se aprofundar em determinado assunto ou mesmo saber como cada povo vive, resiste e defende seu território. (KAMBEBA, 2018, p.40)

Para exemplo de que enfatiza Kambeba, o escritor indígena amazonense Yaguarê Yamã, além de escrever também ilustra seus livros, uma obra de arte completa. As pesquisas voltadas para a compreensão e atualização das identidades dos povos indígenas do Brasil trazem reflexões necessárias e importantes, principalmente quando se trata de identidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura indígena considerada por muitos como nova, apenas se reinventa e se consagra por possuir um arsenal de memórias de milênios, influenciando diretamente em conceitos pré-estabelecidos, que permeiam e refletem em ambientes escolares e acadêmicos. Nesse meio literário de muitas concorrências, a literatura indígena provoca um novo olhar sobre a tradição literária brasileira não só para seu público alvo, pois evidencia muitos equívocos, estereótipos, e sobretudo ressignifica a história dos povos originários. A presente pesquisa apresentou por meio do tema: “A função política social na literatura indígena de Yaguarê Yamã” uma literatura até então considerada “nova” para o mercado editorial. A literatura do escritor indígena amazonense posta neste estudo, tem um caráter político e social, pois denuncia os problemas vivenciados nas aldeias e também é política porque ela tem um caráter coletivo uma vez que expressa o saber de um povo. Diante das análises, observou-se um mundo de temáticas pertinentes que essas narrativas trazem para a sociedade dominante num processo de ressignificação da história dos povos originários por meio da literatura. Este estudo busca contribuir para a visibilidade de escritores indígenas amazonenses, na perspectiva da função política e social que exercem ao produzirem suas literaturas como é o caso de Yamã, escritor da etnia Maraguá com maior número de publicações entre os escritores dessa etnia. É importante esclarecer que a tradição cultural oral não se perde em meio a modalidade escrita, mas é uma forma de levar para a sociedade nacional e para o mundo a cultura e história dos povos nativos contadas agora pelo próprio indígena. Dentro das compreensões que obteve-se neste trabalho, uma delas está relacionado ao próprio escritor, ao relatar sua infância indígena até sua ida para cidade, trata-se de uma transição recorrente atualmente, pois é comum ver nas escolas e universidades alunos indígenas, que muitas vezes retornam para suas aldeias. Este estudo se torna relevante por apresentar a literatura indígena amazonense, direcionando a pesquisa para a função política social que exerce o escritor sobre as muitas temáticas trabalhadas em sua narrativa.

## REFERÊNCIAS

CAMINHA, P. V. Carta de Pero Vaz de Caminha a El rei D. Manuel. In: **Educação Indígena: do corpo, da mente e do espírito**. São Paulo: Global, 2000.

CHAMBOULEYRON, Rafael. Jesuítas e s crianças no Brasil quinhentista. In: PRIORE, Mary del (Org.). **História das crianças no Brasil**. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2015.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HALL, Stuart. **Cultura e representação** / Stuart Hall; Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **O lugar do saber** [recurso eletrônico]. /Márcia Wayna Kambeba. – São Leopoldo: Casa Leiria, 2020.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. 5. reimp. São Paulo: Atlas, 2007.

Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção [ recurso eletrônico ] / Julie Dorrico; Leno Francisco Danner; Heloisa Helena Siqueira Correia; Fernando Danner (Orgs.) –Porto Alegre, RS: Editora Fi,2018.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 2014. 408p.

MUNDURUKU, Daniel. **O Banquete dos Deuses: conversa sobre a origem da cultura brasileira**. São Paulo: Global, 2009.

PEREIRA, Alex Viana (Org.). **Reescrevendo a terra à vista: a literatura de autoria indígena amazonense em destaque** [recurso eletrônico] / Alex Viana Pereira (Org.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

PEREIRA, Danglei, SANTOS, Rosana. **A insustentável leveza: literatura e sua análise** / Danglei de Castro Pereira, Rosana Cristina Zanelatto Santos (orgs.), Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, 2021.

RICOEUR, P. **Do texto à acção**: ensaios de hermenêutica II. Porto: Rés-Editora, 1989.

THIEL, Janice. **Pele Silenciosa, pele Sonora: A literatura indígena em destaque**: Autentica, 2012. Artigo: Tensões culturais na formação da identidade brasileira: confluências – Danglei de Castro Pereira

YAMÃ, Yaguarê. **Contos da floresta. Ilustrações**: Luana Geiger. – 1. ed. –São Paulo: Peirópolis, 2012.

YAMÃ, Yaguarê. **Kurumi guaré no coração da Amazônia** / Yaguarê Yamã; ilustrações do autor. – 1. ed. – São Paulo: FTD, 2007.